

JORNAL A UNIÃO: DO IMPRESSO À PRESERVAÇÃO DIGITAL NO PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

BARBARA COELHO NEVES*

THALYTA BRAGA BARBOZA**

ANA CRISTINA COUTINHO FLÔR***

INTRODUÇÃO

O jornal *A União* é localizado em João Pessoa no estado da Paraíba, fundado em 1893, é o mais antigo em circulação na atualidade. Possui uma hemeroteca de grande valor para toda sociedade, pois em suas páginas podemos comprovar a evolução da cidade de João Pessoa, fatos que marcaram a história a nível nacional e internacional. Com a circulação diária do jornal *A União*, ao longo dos anos, formou-se uma hemeroteca com um grande volume, pois em 2022 o jornal completou 129 anos. Podemos encontrar no dicionário *online* de português a seguinte definição de hemeroteca: «Lugar onde se arquivam jornais e outras publicações periódicas». Já o *site* da Infoescola traz uma definição mais completa, inclusive citando as bibliotecas, em consonância com o que foi apontado logo acima.

1. O JORNAL A UNIÃO: HEMEROTECA E PRESERVAÇÃO DIGITAL

A palavra hemeroteca tem origem no vocabulário grego. No caso, os vocábulos *heméra*, que tem o significado de dia, e *théke*, que significa «coleção» ou «depósito», criam a palavra hemeroteca, ou seja, um conjunto organizado ou coleção de periódicos (revistas/jornais). Muitas vezes, encontramos hemerotecas dentro de bibliotecas e arquivos, como é o caso do jornal.

O jornal *A União*, tendo conhecimento de sua grande importância para a sociedade paraibana e do significativo acervo que possui, adotou a digitalização de sua hemeroteca como política de preservação e divulgação dos seus jornais. Sobre a preservação de bens culturais, Cassares (2011) delimita três vertentes: conservação preventiva, ações indiretas para possibilitar a prudente utilização dos documentos arquivísticos mediante regras que maximizem a vida dos mesmos; conservação, ações diretas para salvaguardar a estrutura física e/ou dados do documento; e restauração, trabalho direto para melhorar as condi-

* UFSCar. Email: babi.coelho7@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3429-7522>.

** UFSCar. Email: lyta.braga@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8414-5730>.

*** UFPB. Email: anaflor.pb@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9493-7464>.

ções físicas do documento a fim de facilitar a conservação e as pesquisas envolvidas com os mesmos.

A preservação digital dos acervos é uma das ferramentas essenciais ao acesso e à difusão dos acervos arquivísticos, além de contribuir para a sua preservação, uma vez que restringe o manuseio aos originais, constituindo-se como instrumento capaz de dar acesso simultâneo local ou remoto aos seus representantes digitais, como é o caso da hemeroteca d'A *União*. Muitos dos jornais d'A *União*, principalmente os mais antigos, são ameaçados de desaparecimento pela degradação imposta pelas intempéries da atividade humana e temporais e essa documentação é extremamente rica em informações que contribuem para estudos de diversas áreas do conhecimento, por isso a importância de uma política na preservação como a digitalização.

A preservação digital está sendo realizada nas dependências da instituição e no decorrer do processo foram observados vários problemas encontrados nas coleções (fala-se coleções, pois os jornais são encadernados depois de um certo período, podendo ser a cada mês ou dois ou como no caso das décadas de 10 e 20 do século passado, que foram encadernados seis meses em um único volume, pois nesse período o jornal geralmente era impresso com quatro páginas): além de rasuras, alguns exemplares foram encadernados fora de ordem, jornais faltando páginas, além da falta de exemplares. Por isso, a importância de um mapeamento em outros arquivos para tentar preencher essas lacunas no acervo digital da hemeroteca do jornal A *União*.

Hoje pode-se afirmar que o jornal tem sua hemeroteca digital desde 2013 e que seus exemplares se encontram no *site* da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), onde o jornal é parte desta empresa. Lemos (1981) descreve que patrimônio cultural tem de ser preservado no Brasil, e faz algumas observações:

Preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons, músicas populares e eruditas, preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. É fazer levantamentos de construções, especialmente aquelas sabidamente da especulação imobiliária (Lemos 1981, p. 29).

Concordando com o autor, preservar é mais do que guardar, preservar é levantar construções, valorizar culturas, lembrar pessoas, lugares, músicas, é não deixar ser levada ao esquecimento, é trazer para perto, é reavivar memórias, é resgatar tradições.

Abreu (1998) informa sobre a identidade dos lugares de memória como uma busca ao passado em si, ele referencia como busca de raízes que «perderam-se no tempo, o que faz com que os vestígios do passado que subsistiram na paisagem ou nas instituições de memória sejam fragmentos das memórias coletivas que a cidade produziu» (Abreu 1998, p. 15).

Abreu faz-se refletir sobre o jornal *A União* como instituição de longos 129 anos, e quantas memórias há em seus documentos, em sua hemeroteca, em suas fotografias, quanto a ser desvendado e descoberto por outros pesquisadores. Pode-se considerar um lugar de memória.

Halbwachs (2006) se preocupa muito com a memória e duração do tempo, existe uma atenção maior para o tempo cronológico e a tudo que acontece no tempo e espaço, em uma época, seja de governos, ditaduras, guerras, revoltas, pandemias, epidemias, e tudo depende do tipo de preservação daquele patrimônio que guardou suas notícias, sua memória para ser passadas para outras gerações.

Por se tratar de um jornal centenário, o mesmo passou por várias administrações diferentes e locações de ambiente de trabalho. Nessas mudanças de endereço, houve algumas perdas de exemplares, não só de jornais como também houve grandes no acervo iconográfico. Esse foi o principal motivo das lacunas existentes atualmente no acervo analógico da hemeroteca do jornal *A União*.

Com os avanços nas tecnologias de informação e comunicação (TIC), por meio da *Internet* vêm modificando e ampliando o acesso aos acervos, e não foi diferente com o jornal *A União*. A opção digital ganha cada vez mais adeptos, pois mostra-se mais democrática, fazendo com que os usuários acessem de toda parte do mundo, além de alcançar um maior número de leitores e pesquisadores por meio da *Internet*.

Ao mesmo tempo, a digitalização possibilita a preservação dos originais que devido ao papel já estão fragilizados por conta do tempo, exige cuidados especiais em seu manuseio e com a digitalização esse tipo de pesquisa manual diminuirá consideravelmente. A preservação do jornal como espaço de memória se dá aos documentos preservados até hoje em seu arquivo.

2. O JORNAL A UNIÃO ENQUANTO MEMÓRIA PARA DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

O desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) apoiou o progresso científico no século XX, resultando em uma mudança radical na maneira pela qual a ciência é produzida em alguns segmentos (Monteiro 2019).

A recuperação de informações tem sido na contemporaneidade a força motriz para reconstruir socialmente e democratizar o conhecimento sobre as inovações científicas deste século. A memória caracterizada pelo acervo do jornal *A União* se constitui na reflexão proposta neste artigo como um elemento essencial na potencialização da democratização da informação.

A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações sociais (Nora 1993, p. 8).

Segundo Silva e Castro (2015),

As diferentes formas de apropriação dos bens culturais colocam em confronto populações locais, gestores e políticas públicas, permitindo destacar diferentes formas de abordagem e uso do patrimônio cultural. As políticas públicas de patrimônio acompanharam a caracterização de uma história da cultura voltada ao tombamento e guarda de bens considerados como valores culturais da nação, representativos da identidade nacional — encobrindo na maioria das vezes, os sentidos dentro dos quais esse patrimônio foi constituído.

Rossi (2010, p. 36) diz que

No mundo em que vivemos, o problema a ser enfrentado não é mais só o declínio da memória coletiva e o conhecimento cada vez menor do próprio passado; é a violação brutal do que a memória ainda conserva, a distorção deliberada dos testemunhos históricos, a invenção de um passado mítico.

Concordando com Rossi, sabe-se que existe um imenso problema e que os memorialistas tentam preservar, que é a memória. O conhecimento através da memória. Alcançar essa finalidade exige um trabalho que, através do olhar interdisciplinar da equipe de profissionais do jornal, «exponha os conteúdos necessários sob os diferentes prismas das diversas áreas do conhecimento, utilizando variadas tecnologias de comunicação, buscando, assim, a democratização do acesso às informações» (Carvalho, Lopes e Cancela 2015, p. 13).

Pinheiro (2008) defende que o uso da tecnologia, visando à democratização do acesso e intercâmbio de dados do acervo, pode ser considerado um fator positivo. Contudo, vale lembrar que não basta a inclusão digital para o acesso às informações dos acervos culturais, a exemplo do jornal *A União*, é necessário saber utilizar a informação, criando novos conhecimentos.

Lena Pinheiro (2008) afirma que visitas a museus de arte geram informações artísticas e culturais; essas informações devem estar disponibilizadas na rede em sistemas específicos de arte e cultura que, conseqüentemente, englobam o uso e os avanços das novas tecnologias que contribuam com a democratização de acesso.

Logo, pensar o jornal enquanto espaço de memória pode contribuir para a luta pelos direitos de acesso de grupos específicos, amplia também a reflexão do conceito de memória em contextos jornalísticos na perspectiva de aprimorar práticas que contribuam para a democratização dos jornais, pensados como espaços de inclusão e não de segregação.

Podemos assim justificar que o mapeamento nos outros arquivos e instituições será imprescindível para o processo de digitalização, pois o acervo analógico não está com-

pleto, então será feito comodato com outras instituições e arquivos para ampliar o acervo digital da hemeroteca do jornal *A União*. O processo de digitalização, que transforma uma imagem ou sinal analógico em código digital, mostrou-se como uma nova realidade e vem evoluindo com os anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa é de cunho qualitativo e exploratório. Os resultados da pesquisa são de uma pesquisa aplicada à hemeroteca do jornal *A União* e seu acervo existente até os dias de hoje. O arquivo do jornal *A União* além de possuir uma vasta hemeroteca, também é composto por uma imensa coleção de Diários Oficiais, revistas, suplementos como *Correio das Artes* e que é voltado para literatura desde a sua criação em 1949, livros da Editora A União, acervo iconográfico, *Diário da Justiça*, *Diário da Assembleia Legislativa*, entre outros.

O arquivo do jornal *A União* é procurado por diversos pesquisadores de áreas distintas, não só por historiadores que é mais comum em arquivos históricos, como muitos consideram o arquivo do jornal *A União*.

A palavra *archieff* é traduzida em Nova York, em 1940, como «o conjunto de documentos escritos, desenhos e material impresso, recebido e produzido oficialmente por um órgão administrativo ou por um de seus funcionários» Schellenberg (2006, p. 36).

Nesses repositórios digitais é possível democratizar a leitura incluindo documentos de difícil acesso, como aconteceu com vários exemplares do jornal *A União* do início do século XX, que não estavam acessíveis aos usuários e ficaram disponíveis após a sua digitalização. O exemplar mais antigo digitalizado no momento foi o ano de 1906 e o mesmo se encontra disponível no *site* do jornal.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A., 1998. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras*. **14**, 77-97.
- BELLOTTO, H. L., 2006. *Arquivos Permanentes: Tratamento Documental*. 4.ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- CARVALHO, C., T. B. LOPES, e C. D. M. CANCELA, 2015. Dos quadrinhos para o museu: a democratização da informação em artes para o público infantil. *ARS (São Paulo)* [Em linha]. **13**(25), 169-181 [consult. 2022-12-06]. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2015.105530>.
- CASSARES, N. C., 2011. *Política de Preservação de Documentos Arquivísticos*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo.
- HALBWACHS, M., 2006. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- LEMO, C. A. C., 1981. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense.
- MONTEIRO, N. S. da S., 2019. Democratizar a informação para o desenvolvimento do conhecimento: a ampliação do acesso ao acervo documental das ciências e da saúde na Fiocruz. *História, Ciências, Saúde*. **26**(1), 299-318.
- NORA, P., 1993. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. **10**, 7-28.

- PINHEIRO, L. V. R., 2008. Itinerários epistemológicos da instituição e constituição da Informação em Arte no campo interdisciplinar da Museologia e Ciência da Informação. *Museologia e Patrimônio*. 1(1), 9-17.
- SHELLENBERG, T. R., 2006. *Arquivos Modernos: Princípios e Técnicas*. 6.^a ed. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- SILVA, E. F. F., e B. A. C. CASTRO, 2015. Um lugar, várias identidades: o Tamoyo, clube social negro em Rio Claro/SP. Em: *Anais do XI Encontro Nacional da ENANPEGE, de 9 a 12 de outubro de 2015, Presidente Prudente, São Paulo* [Em linha]. Presidente Prudente: São Paulo, pp. 184-187 [consult. 2022-12-06]. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/6/184.pdf>.